

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LETRAS TRADUÇÃO – ESPANHOL

Larissa Ernesto da Silva

Análise da modalidade tradutória nos neologismos de *Gran Sertón: Veredas*

Brasília – DF
2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LETRAS TRADUÇÃO – ESPANHOL

Larissa Ernesto da Silva

ANÁLISE DA MODALIDADE TRADUTÓRIA NOS NEOLOGISMOS DE *GRAN SERTÓN: VEREDAS*

Projeto Final do Curso de Tradução, apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução – Espanhol pela Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. – Lily Martinez

Brasília – DF

2017

Silva, Larissa Ernesto

Análise da modalidade tradutória nos neologismos de *Gran Sertón: veredas* – Brasília, 2017, 55 p.

Projeto Final de Curso (bacharelado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2017.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lily Martinez

1. Grande Sertão: Veredas.2. Neologismos.3. Português.4. Espanhol. 5. Tendências deformadoras. 6. Antoine Berman

Folha de aprovação

ANÁLISE DA MODALIDADE TRADUTÓRIA NOS NEOLOGISMOS DE GRAN SERTÓN: VEREDAS

Projeto Final do Curso de Tradução julgado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução – Espanhol.

Área de Concentração: Tradução Literária

Larissa Ernesto da Silva

Projeto Final aprovado em: _____ / _____ / _____

Prof^a. Dr^a. Lily Martinez
(Orientadora – LET/UnB)

Banca Examinadora: _____

Prof^a Magali de Lourdes Pedro
(Membro Interno – LET/UnB)

Banca Examinadora: _____

Prof^a. Dr^a María del Mar Paramos Cebey
(Membro Interno – LET/UnB)

Prof^a. Magali de Lourdes Pedro
Coordenadora do Curso (LET/UnB)

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata à querida Professora Dr^a Lily Martinez, que com muito empenho e paciência me orientou nesse trabalho.

Às Profs. Magali Pedro e María del Mar, que gentilmente aceitaram fazer parte da banca avaliadora.

À minha querida amiga Paloma, que me acompanhou e deu força durante todo o curso e também me ajudou nesse trabalho com sua revisão e sugestões.

A meus queridos amigos Luiz, Juliana e Luís Antônio, por todo apoio e incentivo.

A todos os professores do curso de Letras – Tradução Espanhol que contribuíram para o meu crescimento.

Novamente à Prof^a Magali Pedro, por seu empenho no trabalho como coordenadora do nosso curso.

A João Guimarães Rosa, pela sua obra admirável.

A Ángel Crespo, por seu trabalho como tradutor contribuindo para disseminar a literatura brasileira.

À minhas amigas “Las chicas” Vanessa, Paloma, Amira e Sabrina, minhas companheiras de curso.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente ajudaram, me apoiaram e colaboraram para que a conclusão do meu curso fosse possível.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar uma parte da tradução da obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, para a língua espanhola, observando as medidas tomadas pelo tradutor frente aos neologismos e expressões idiomáticas singulares da língua portuguesa e da escrita do autor, relacionando com as noções de tendências deformadoras de Antoine Berman. Também serão utilizados os procedimentos de tradução definidos por Jean-Paul Vinay & Jean Dalbernet para a estruturação de uma metodologia analítica que permita uma reflexão sobre a tradução literária.

Palavras-chave: *Grande Sertão: Veredas*. Neologismos. Português. Espanhol. Tendências deformadoras. Antoine Berman.

RESUMEN

Este estudio pretende analizar una parte de la traducción de *Gran Sertón: Veredas*, obra de João Guimarães Rosa, para el español, observando las medidas adoptadas por el traductor frente a los neologismos y modismos del portugués y la escritura del autor, relacionando con la idea de las tendencias deformadoras de Antoine Berman. También se utilizará los procedimientos de traducción definidos por los teóricos Jean-Paul Vinay & Jean Dalbernet para la estructuración de una metodología de análisis que permite una reflexión sobre la traducción literaria.

Palabras-clave: *Gran Sertón: Veredas*. Neologismos. Portugués. Español. Tendencias. Antoine Berman

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. CAPÍTULO I: GRANDE SERTÃO: VEREDAS.....	11
1.1 O autor.....	11
1.2 A obra.....	11
1.3 A tradução e o tradutor.....	14
1.4 Linguagem Roseana.....	17
2. CAPÍTULO III: ANÁLISE NEOLÓGICA.....	18
2.1 Análise de 25 palavras neológicas traduzidas ao Espanhol.....	22
2.2 Traduzindo Neologismos.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXOS.....	46

INTRODUÇÃO

João Guimarães Rosa inovou com sua escrita, ele dispõe dos inúmeros recursos da língua portuguesa na formação lexical e capta esses elementos na construção e estruturação do seu discurso. Aliando o popular e o erudito, o autor define sua estilística sem precedentes na literatura brasileira. Tendo em conta a magnitude e alcance de suas obras tanto na literatura brasileira quanto na literatura como um todo, este trabalho tem como objetivo discutir e analisar a tradução para a língua espanhola, realizada por Ángel Crespo, publicada em 1967 pela editora Seix Barral, do épico *Grande Sertão: Veredas*; que foi originalmente publicada no Brasil em 1956 pela editora José Olympio. A tradução intitulada de *Gran Sertón: Veredas* apresenta com maestria soluções para a atmosfera criativa construída com enfoque nas criações neológicas presentes abundantemente no romance.

Guimarães Rosa não foi um escritor convencional, se é que existe o conceito de convencionalidade na Literatura. Nesse imenso território criativo de signos, o que o difere é a gênese de seu discurso. Rosa constrói suas narrativas com extrema liberdade rompendo com as delimitações da prosa regionalista, e o resultado disso são neologismos viabilizados com criações lexicais fonológicas, semânticas e sintagmáticas, aliadas ao ritmo melódico de uma prosa. Ele reinventa a língua portuguesa em seu domínio poético. A oralidade se torna escrita e, por vezes de difícil compreensão em uma primeira leitura, nesse enredo, o personagem principal Riobaldo cria um diálogo-monólogo com o leitor, ele narra suas aventuras, seus amores, e ao mesmo tempo vai tirando suas próprias conclusões sobre a vida e a morte, Deus e o Diabo. Acerca da linguagem construída por Guimarães Rosa, o crítico Antonio Candido comenta:

Depois, quando saiu *Grande Sertão: Veredas* eu estudei isso mais detalhadamente, eu falei, se não me engano, em romance metafísico. Não se tratava mais de regionalismo; e não se tratava de regionalismo porque eu entendo que se pode considerar como regionalista propriamente dito o romance, o conto em que o que sobressai é o choque de exotismo. (CANDIDO, 2011, p. 20)

Devido a essas características, a tradução dessa obra torna o tradutor um coautor, pois para perpetuar a estilística de Rosa, ele deve usar a própria carga poética em sua tradução, se

beneficiando da liberdade criativa do escritor.

A metodologia analítica da tradução terá como base o conceito que Antoine Berman apresenta em *A Tradução e a Letra* (1985). Se trata de critérios de avaliação da tradução, levando em conta aspectos morfológicos e semânticos do sistema linguístico. Em seu estudo, Berman expõe treze tendências que se passam na tradução, denominadas por ele como “deformadoras”. Essas tendências têm caráter mandatário e involuntário já que o tradutor, por sua bagagem cultural, não se traja na invisibilidade. Principalmente nas obras de Guimarães Rosa, onde cada tradutor teve a liberdade imaginativa de reinventar o inventado, aval cedido e encorajado pelo próprio autor.

Dentro dos estudos analíticos de tradução, a metodologia definida nos procedimentos apresentados por Jean-Paul Vinay & Jean Darbelnet em *A Methodology for Translation* (1995) indicam sete conceitos estruturais de tradução: essa teoria adota o pressuposto do conceito de signo, significante e significado de Ferdinand de Saussure. Nessa formulação, é possível observar a categorização da modalidade escolhida pelo tradutor, o que contribui complementarmente para a análise das palavras neológicas.

Também será discutido o processo criativo de Rosa e o que fundamenta o seu discurso poético, assim como quais recursos linguísticos foram adotados pelo escritor. Apesar da análise desse trabalho ser exclusivamente no âmbito da tradução para a língua espanhola, para adentrar o universo roseano, e para melhor compreendê-lo, foram utilizadas as correspondências por carta captadas entre Guimarães Rosa e seus tradutores. As mais acessíveis foram as com o tradutor para o italiano Edoardo Bizzarri: nelas Rosa graceja, indaga e explica as dúvidas de seu tradutor. Por seu conhecimento linguístico em outros idiomas, Rosa também sugeria e elogiava as escolhas do profissional para suas histórias.

O produto final é uma tradução coerente com o original, que se harmoniza na linguagem para aproximar ao máximo o leitor hispanófono da releitura do sertão criada pelo autor. Ainda que haja uma distância cultural dos elementos endêmicos do Brasil na obra, essas marcas e soluções fazem parte do estudo discutido sobre quais traços definem essa tradução literária como adequada e concordante com a proposta da obra. Para isso, serão tomadas como base algumas características definidas por Inger Enkvist sobre o que constitui uma boa tradução literária, a partir desse ideal, analisar-se-á o contexto da narrativa na linguagem de Guimarães Rosa, tendo em vista também a margem de equívocos que podem ocorrer na tradução devido a especificidade cultural.

CAPÍTULO I: GRANDE SERTÃO: VEREDAS

1.1 O autor

João Guimarães Rosa foi um romancista, contista, novelista, médico e também diplomata, nascido em Cordisburgo, Minas Gerais, em 27 de junho de 1908. É um dos maiores escritores da Literatura Brasileira pertencente a “Geração de 45” da terceira fase modernista. Suas obras foram traduzidas para diversos idiomas e seu legado poético é a fonte de muitos estudos tanto da literatura, quanto da tradução. Antônio Candido em um depoimento sobre suas impressões ao ler Grande Sertão: Veredas, diz que:

A impressão que se tinha é a de que ele estava criando uma linguagem. Eu não tinha formação linguística para saber até que ponto, mas senti que ele estava inventando uma linguagem que ao mesmo tempo era plantada na região, mas estava ligada, por exemplo, ao passado da língua portuguesa (CANDIDO, 2011, p.20-21)

Destaca-se na literatura brasileira suas obras de ficção: Saragana (1946), Corpo de Baile (1956), Grande Sertão: Veredas (1956), Primeiras Estórias (1962) e Tutaméia (1967). Em 1963 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, sendo empossado somente em 1967. Três dias depois do ato, Guimarães Rosa teve um infarto e faleceu no Rio de Janeiro no dia 19 de novembro de 1967.

1.2 A obra

A primeira edição de Grande Sertão: Veredas foi publicada em 1956. A fusão de uma desconstrução da norma culta com a adição de vários recursos linguísticos para a formação de um léxico, além das características regionais e culturais da prosa, reinventa a língua portuguesa na obra. Todos esses elementos são somados ao dialeto do sertão e tomam forma própria, desafiando o leitor por muitas vezes. Em suas palavras, Rosa diz:

“Escrevo e creio que este é o meu aparelho de controle: o idioma português, tal como o usamos no Brasil; entretanto, no fundo, enquanto vou escrevendo, eu traduzo, extraio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros, escritos em um idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros. A gramática e a

chamada filologia ciência linguística, foram inventadas pelos inimigos da poesia. (Rosa, 1991, p. 70)

A história da obra é a longa e enredada narrativa do vaqueiro Riobaldo. Guimarães Rosa coloca em perspectiva três aspectos de base: o homem, a terra e a luta (Candido, 2011, p. 23) Isso quer demonstrar a ideia de que a terra condiciona o homem, que por sua vez condiciona sua luta pela sobrevivência. O discurso é em primeira pessoa: o leitor parece sentar-se de frente ao protagonista e o ouve falar. Nessa trama ele vai relembrando casos, amores e lições filosóficas misturadas a sabedoria popular. Rosa compõe assim a sua linguagem “Roseana” advinda de experimentos com a mistura de registros, invenção de palavras e volatilidade sintática.

Em sua tese de doutorado, *A tradução dos neologismos de Grande Sertão: veredas*, Eliana Amarante de Mendonça Mendes faz o mapeamento e catalogação dos neologismos. De acordo com seu estudo, as criações neológicas somam 942 palavras pela obra, sendo que 80,9% são constituídas por processos morfossintáticos, onde 49,2% são expressas por processos *sui generis*, ou seja, que não são previstos pelas regras de formação lexical (MENDES, 1991, p.101). Ainda com as dificuldades que um discurso poético apresenta, o romance foi traduzido sucessivamente para o francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, entre outros. Em A tradução para o Espanhol feita por Ángel Crespo, apareceu por coincidência no mesmo ano da morte de Guimarães Rosa, 1967.

Guimarães Rosa manteve contato através de cartas com alguns tradutores de suas obras, fazia-lhes elogios, esclarecia dúvidas e gracejava sobre sua poética. No livro *Correspondência com o tradutor italiano*, de Edoardo Bizzarri (1972), Rosa deixa sua definição de Vereda, que ajuda no entendimento da ideia gerada pela junção dos três aspectos base – o homem, a terra e luta em um olhar mais amplo sobre o que é o sertão. Ele diz:

Você sabe, desde grande parte de Minas Gerais (Oeste e sobretudo Noroeste), aparecem os “campos gerais”, “gerais” – paisagem geográfica que se estende, pelo Oeste da Bahia, e Goiás (onde a palavra vira feminina: as gerais), até o Piauí e Maranhão. O que caracteriza esses GERAIS são as chapadas, (...), A vegetação é a do cerrado: arvorezinhas tortas, baixas, enfezadas. Mas, por entre as chapadas, separando-as há as *veredas*. São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora água absorvida. (...) Há veredas grandes e pequenas, compridas ou largas. Veredas com uma lagoa; com um brejo ou pântano; com pântano de onde se formam e vão escoando e crescendo as nascentes dos rios. Em geral, os moradores dos

“gerais” ocupam as veredas, onde podem plantar roça e criar bois. São veredeiros. (ROSA, 1972, p. 28)

O narrador da história é Riobaldo, é ele quem faz a ponte entre o autor e o leitor. Esse ano, lembrando os 50 anos da morte de João Guimarães Rosa, o site Guia do Estudante apresentou um resumo da obra condensando com destreza as 600 páginas da obra:

Durante a primeira parte da obra, o narrador em primeira pessoa, Riobaldo, faz um relato de fatos diversos e aparentemente desconexos entre si, que versam sobre suas inquietações sobre a vida. Os temas giram em torno das clássicas questões filosóficas ocidentais, tais como a origem do homem, reflexões sobre a vida, o bem e o mal, deus e o diabo. Porém, Riobaldo não consegue organizar suas ideias e expressá-las de modo satisfatório, o que gera um relato bastante caótico. Até que em certo ponto aparece Quelemén de Góis, que o ajuda em parte, e Riobaldo dá início à narrativa propriamente dita.

Riobaldo começa a rememorar seu passado e conta sobre sua mãe e como conhecera o menino Reinaldo, que se declarava ser “diferente”. Riobaldo admira a coragem do amigo. Quando sua mãe vem a falecer, ele é levado para viver com seu padrinho na fazenda São Gregório, onde conhece Joca Ramiro, grande chefe dos jagunços. Selorico Mendes, o padrinho, coloca-o para estudar e após um tempo Riobaldo começa a lecionar para Zé Bebelo, um fazendeiro da região. Pouco tempo depois, Zé Bebelo, que queria pôr fim na atuação dos jagunços pela região, convida Riobaldo para fazer parte de seu bando, o que esse aceita. Assim começa a história da primeira guerra narrada em “Grande Sertão: Veredas”.

O bando dos jagunços liderado por Hermógenes entra em guerra contra Zé Bebelo e os soldados do governo, mas logo Hermógenes foge da batalha. Riobaldo resolve desertar do bando de Zé Bebelo e encontra Reinaldo, que faz parte do bando de Joca Ramiro. Ele decide então juntar-se ao grupo também.

A amizade entre Riobaldo e Reinaldo se fortalece com o passar do tempo e Reinaldo o confia em segredo seu nome verdadeiro: Diadorim. Em certo momento dá-se a batalha entre o bando de Zé Bebelo e de Joca Ramiro, onde Zé Bebelo é capturado. Então, ele é julgado pelo tribunal composto dos líderes dos jagunços, dos quais Joca Ramiro é o chefe supremo. Hermógenes e Ricardão são favoráveis à pena capital. No fim do julgamento, porém, Joca Ramiro sentencia a soltura de Zé Bebelo, sob a condição de que ele vá para Goiás e não volte até segunda ordem. Após o julgamento, Riobaldo e Reinaldo juntam-se ao bando de Titão Passos, que também lutou ao lado de Hermógenes.

Após longo período de paz e bonança no sertão, um jagunço chamado Gavião-Cujo vai até o grupo de Titão informar que Joca Ramiro foi traído e morto por Hermógenes e Ricardão, que ficam conhecidos como “os judas”. Nesse ponto da narrativa, Riobaldo tem um caso amoroso com a prostituta Nhorinhá e, posteriormente, com Otacília, por quem se apaixona. Diadorim fica com raiva e durante uma discussão com Riobaldo ameaça-o com um punhal.

Os jagunços se reúnem para combater “os judas” e assim começa a segunda guerra, organizada sob novas lideranças: de um lado Hermógenes e Ricardão, assassinos de Joca Ramiro e traidores do bando; de outro, os jagunços liderados por Zé Bebelo, que retorna para vingar a morte de seu salvador. Em certo momento da narrativa os dois bandos se unem para tentar fugir do cerco armado pelos soldados do governo, mas o bando de Zé Bebelo foge na surdina do local e deixam Hermógenes e seu bando lutando sozinhos contra

os soldados. Riobaldo entrega a pedra de topázio a Diadorim, o que simboliza a união entre os dois, mas esse recusa dizendo que devem esperar o fim da batalha.

Quando o grupo de Zé Bebelo chega às Veredas-Mortas, em dado momento Riobaldo faz um pacto com o diabo para que possam vencer o bando de Hermógenes. Sob o nome Urutu-Branco, ele assume a chefia do bando e Zé Bebelo deserta do grupo. Riobaldo pede para um jagunço entregar a pedra de topázio à Otacília, o que firma o compromisso de casamento entre os dois.

O bando liderado por Riobaldo (ou Urutu-Branco) segue em caça por Hermógenes, chegando até sua fazenda já em terras baianas. Lá eles aprisionam a mulher de Hermógenes e, não o encontrando, voltam para Minas Gerais. Em um primeiro momento, acham o bando de Ricardão e Urutu-Branco o mata. Por fim, encontram o grupo de Hermógenes no Paredão e há uma grande e sangrenta batalha. Diadorim enfrenta Hermógenes em confronto direto e ambos morrem. Riobaldo descobre, então, que Diadorim é na realidade a filha de Joca Ramiro, e se chama Maria Deodorina da Fé Bittancourt Marins. (GUIA DO ESTUDANTE, 2017)

Em seu processo de formação lexical, além de criar palavras e fundir outras, Rosa toma a língua como um veículo modal e cria efeitos neologistas pelo emprego original de várias categorias gramaticais, principalmente os adjetivos em uma união que resulta na amplificação semântica da palavra. Na composição das palavras, o escritor opta pelo uso recorrente dos recursos: justaposição, aglutinação, uma série de derivações sufixais, prefixais, parassintéticas e regressivas, como ainda a reduplicação (em geral de uma sílaba ou fragmento de uma palavra).

E nesse romance épico com histórias interligadas como em um labirinto, Rosa contorce a língua portuguesa construindo uma trilha por um sertão místico, de gente e realidade dura com uma trama que começa morna e um tanto pesada no início da leitura, mas gradualmente vai conversando com o interlocutor com uma profundidade tão filosófica que quebra essa barreira.

A originalidade da obra logo disseminou o seu sucesso, pois além do diferencial linguístico, a história remete a um sertão esquecido, de lutas sangrentas, nele Rosa revela a face da desigualdade social e da ambição humana. Seus personagens personificam em suas ações a complexidade desses sentimentos. Para a literatura brasileira foi o apogeu da década, uma obra que ainda hoje continua sem equivalente, muito debatida e estudada.

1.3 A tradução espanhola e o tradutor

A tradução da obra esteve a cargo do poeta, professor, ensaísta, tradutor e crítico de arte espanhol Ángel Crespo Pérez de Madrid, nascido em Ciudad Real em 1926, Barcelona.

Crespo foi o fundador da *Revista de Cultura Brasileña* em 1962 e diretor dela até 1970. Licenciado em Direito e doutor em Filosofia, Crespo era também um ativo crítico literário e mantinha um forte compromisso político na luta contra a ditadura do general Franco, na Espanha. Traduziu obras do português, italiano, francês, catalão, reto-românicas, galego e latim, trabalhou com as obras de escritores que vão desde Dante Alighieri a Fernando Pessoa, traduzindo uma variedade de clássicos da literatura. O tradutor foi um intelectual espanhol de muita importância, por ser poliglota, a sua bagagem cultural continha traços de diferentes culturas. Em 1998, três anos após sua morte, surge o Premio de Tradução Ángel Crespo, patrocinado pela Associação de Escritores e pelo Grêmio de Editores de Catalunha.

No site do *Instituto Cervantes* define seu trabalho dizendo que “su obra poética se caracteriza por su oposición al realismo de la posguerra, vinculándose así al surrealismo” (INSTITUTO CERVANTES, 2017). Ángel Crespo foi um grande admirador de Guimarães Rosa, o tradutor teve a oportunidade de fazer uma visita ao Brasil em 1965 com sua esposa Pilar Gómez Bedate, mais especificamente nas regiões denominadas no livro como “campos gerais”, para absorver mais sobre a atmosfera sertaneja, sua tradução intitulada “Gran Sertón: Veredas”, da editora Seix Barral, conta com a experiência poética do tradutor para preservar esse caráter da obra conforme ele demonstra no prefácio:

Hubiera sido gratuito por nuestra parte sustituir dichos términos por los correctos de nuestra lengua. Por otro lado, son muchos los nombres de animales, vegetales, alimentos y objetos de diferente índole que no tienen correspondencia exacta en nuestro idioma o cuya sinonimia sería muy problemática en el castellano hablado en América. En lugar de ofrecer una traducción siempre dudosa –y dado que su abundancia no es tanta como para dificultar la lectura– los hemos mantenido, pero ofreciendo su transcripción fonética o bien la ortográfica, cuando ambas no coinciden (Crespo, 1967).

Durante essa viagem o tradutor vai narrando os acontecimentos e sua impressão do lugar e das pessoas, todo esse registro está no diário de viagem feito por ele. Rosa e Crespo mantiveram contato através de cartas, depois que o tradutor espanhol já estava confirmado para a tradução de Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa manda uma carta prestando auxílio na tradução com sugestões:

- I) Vou remeter-Lhe, com prazer!; quanta coisa tenha, sobre meus livros, capaz de lhe ser útil. já, aqui, vai algo.
- II) Quanto a dicionários e gramáticas com regionalismos, já é mais sem solução este item. Eu mesmo não conheço nada, aqui, no gênero, que valha a pena. Estou certo deque aí na Embaixada terão o Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa (o

revisto por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira}. E é o mais útil. Mas, como você logo verá, e o trabalho do Cavalcanti Proença, incluso, lhe explicará mais de "compreensão" poética do que lexicologia.

II I) Quanto às dúvidas, especiais, estou pronto a responder às suas consultas. Sempre que possível, porém, ajunte Logo à consulta as suas soluções ou interpretações, ainda que com alternativas. Isto me facilita, muito. Em geral, estou muito sobrecarregado de trabalhos e compromissos, quase sem dispor de tempo, e com pouca saúde, infelizmente.

IV) Até agora, já saíram do Grande sertão: veredas as edições: em inglês (The devi/to pay in the backLands, pela editora Alfred Knopf Inc., New York, 1963) e em alemão(Grande sertão, editora Kiepenheuer & Witsch, Colômbia, 1964). A norte-americana é regular. A alemã é muito boa. Você lê esses idiomas? Você pode pedir a Seix Barral que obtenha, facilmente, exemplares; os editores alemão e norte-americano mandarão, com prazer (...)

V) Quanto a remeter-me ao fim de cada mês as partes traduzidas, acho que podemos experimental: Isto é, mande-me as primeiras vinte páginas, por exemplo. O resto, talvez, possamos deixar para a ocasião de sua vinda ao Brasil. Em regra, gosto mais de ver o livro já pronto, o que é sempre um prazer; para o autor, e dos maiores. Disse-me o tradutor alemão, que traduziu já o "Grande sertão: veredas" e o "Corpo de Baile", que achou muito mais fácil verter o primeiro que o segundo: por se tratar de um só e grande monólogo, que, uma vez a gente nele penetrando, pega, de uma vez, o ritmo e o tom, o resto fluindo sem cessar: (...)

Em suas correspondências com os tradutores de suas obras, Rosa expressava seu gosto quando as palavras também eram reinventadas no idioma traduzido. O próprio Guimarães Rosa elogia a primeira versão da sua obra para a língua espanhola como: “Magnífica, insuperável tradução”, em carta datada em 23 de fevereiro de 1967 e dirigida ao Embaixador de Brasil na Espanha, Antonio C. Câmara Canto.

Dessa forma, a tradução espanhola se estruturou na utilização de recursos linguísticos comum às duas línguas para também se reinventar na missão de preservação da identidade sertaneja presente na obra, mas nem sempre isso é possível. Há uma variedade de termos referente a plantas, animais e mesmo localidades que não endêmicas do Brasil, por isso os casos de transcrição direta do termo de uma língua para a outra foram indicadas pelo tradutor, a partir de um glossário presente no final do livro – este glossário encontra-se anexo nesse trabalho para que se tenha uma dimensão de quais palavras foram consideradas intraduzíveis para Ángel Crespo e emprestadas para a tradução espanhola –: nele o tradutor também faz comentários e explica alguns neologismos. Crespo também faz uma crítica as traduções precedentes, a francesa e a inglesa, pela falta de preocupação com as singularidades linguísticas da obra, mesclando a linguagem culta e a coloquial:

Gran sertón: veredas ha sido traducido al alemán, al francés y al inglés. Conocemos las traducciones a los dos últimos idiomas y, en ellas, sus autores no se han preocupado de mantener el clima lingüístico del original. Se trata de un francés y un inglés ortodoxos o levemente matizados, en ocasiones de cierto coloquialismo. (CRESPO, 1975, p. 9).

Logo no início do romance o tradutor se depara com a complexidade de tradução da palavra “Sertão”, um termo que possui a carga semântica da geografia de um bioma, mas também pode representar a ideia do modo de vida de um povo, sua luta, suas interações e modo de falar. Esse sertão místico e poético é o cenário da obra e se torna um personagem em si. “O sertão está em toda parte” (ROSA, 1994, p. 04). Em dicionários de língua portuguesa a acepção de “sertão” é a de um “lugar agreste e inculto, afastado de povoações”. Na tradução para o espanhol, “sertón” transcreve morfologicamente a palavra com adaptações fonéticas da língua espanhola, repassando ao leitor hispanófono a idiossincrasia do lugar e de seus moradores.

1.4 Linguagem Roseana

Noam Chomsky define a linguagem como um objeto natural, um componente da mente humana, representado fisicamente no cérebro e integrado ao patrimônio biológico da espécie (Chomsky, 2006, p. 10). E é por ser um ato expresso inato ao ser humano que o domínio e desenvolvimento da língua é um processo contínuo que inclui a Literatura como um complemento perpendicular a ela. O resultado do avanço do exercício da língua, no artigo *La literatura como arte y fenómeno estetico*, a Literatura é definida como um conjunto de obras criativas, orais ou escritas, que nos põem em contato com os atos e realizações dos seres humanos, assim como com o espírito humano.

Dessa forma, as condições artísticas são dotadas de propriedades estilísticas que se sustentam a imensa liberdade que cada escritor possui. Na literatura, o domínio da letra está diretamente associado com as extensões da imaginação individual, de forma que essa função comunicativa se expande em várias vozes advindas desse universo criando. Assim, pode-se inferir que no texto literário as interações ocorrem dessa forma e todas estão presentes na obra, com exceção do leitor fictício:

	Texto literário	
O autor	O texto	O leitor
O autor	O discurso (linguagem)	O leitor real
O narrador	A história (o que se conta)	O narrativo (o leitor fictício)
Os personagens (diálogo)	O tema (significação e	

Os pensamentos (monólogo interior)	mensagem do que se conta)	
-------------------------------------------	---------------------------	--

Inicialmente, ao leitor não familiarizado com a singularidade da escrita de Rosa a exposição a esse dinamismo linguístico é laborioso, mas uma vez superado este bloqueio, a leitura se mostra de grande funcionalidade rítmica.

Posto isso, a Linguagem Roseana se caracteriza como a soma linguística dos mecanismos que compõem uma língua, tomando uma forma própria, sem precedentes na Literatura Brasileira. Devido a sua formação e bagagem cultural, Rosa combina elementos do erudito e da cultura popular sertaneja – fusão fundamental na estruturação do seu discurso. Além disso, o autor se nutre da maleabilidade do Português e inicia seu processo criativo com o frequente uso de neologismos, estrangeirismos, arcaísmos, aforismos, pleonasmos, toponímias, onomatopeias, indianismos.

Assim, o uso de todos esses recursos é o que caracteriza a estruturação da linguagem criada pelo autor, como um sistema que segue certos padrões dentro da lógica do pensar criativo de Guimarães Rosa. Esse “sistema” parece chegar a um clímax em Grande Sertão: Veredas pela quantidade de recursos utilizados para reinventar a língua e pelo jogo estilístico com a pontuação que parece um roteiro fonético da fala do narrador da história, mas em todas as obras do escritor esses traços linguísticos têm seu espaço. Nesse sentido, serão discutidos a seguir os termos mais relevantes para a pesquisa em foco, tal quais suas respectivas traduções para língua espanhola realizada por Ángel Crespo.

CAPÍTULO II-ANÁLISE NEOLÓGICA

O dicionário online priberam define neologismo como palavra nova, ou acepção nova de uma palavra já existente na língua. Esse recurso linguístico tem uma certa recorrência na literatura, por diversas razões, principalmente estilísticas, como é o caso dos neologismos em Grande Sertão: Veredas. A neologia pode atingir âmbitos além do aspecto semântico, dado que ela é um processo de transformação da língua. No livro *Neologismos do Português e a face social da língua* a autora Éda Pilla faz a seguinte reflexão:

A criação de novas palavras, entretanto, não é um fenômeno a ser verificado apenas no âmbito interlingual, mas também no intralingual. A evolução do

modo e do pensamento, o avanço científico-tecnológico e as transformações da sociedade geram referentes em mutação que se refletem no léxico. Todas as *etapas de transformação social – a história da sociedade, enfim – fazem do léxico um sistema aberto, no qual continuamente novos significados demandam novos significantes.* (PILLA, 2002, p.11)

Neste capítulo serão analisadas 25 construções neológicas que foram selecionadas dentro de um pequeno contexto de sentença da obra *Grande Sertão: Veredas*, segundo o embasamento teórico, as soluções de tradução e as consequências dessas decisões para o contexto geral.

A escrita Roseana se edifica na miscigenação de acepções e se solidifica com os recursos criativos que a língua portuguesa dispõe, dando vida a esse romance épico. Sendo assim, a obra está permeada de expressões e termos que à primeira vista causam uma “estranheza” ao leitor. Isso se sucede pela concentração de especificidades e alta carga cultural.

Ao analisar a tradução *Gran Sertón: Veredas*, mais especificamente as criações neológicas, é necessário compreender que sua definição abarca mais de uma representação como encargo de tradução, o autor faz a coligação da imagem, do som e da ideia, o que nem sempre é capaz de se associar em outra língua. Para Antoine Berman (2007) o “intraduzível” é valorado dentro da poética.

De fato, em todos os âmbitos da escrita, a intraduzibilidade é tendencialmente vivida como um valor. Exalta-se também a traduzibilidade como um indício de alta racionalidade. Todo escrito quer no entanto preservar em si uma parte de intraduzível: muito elevada na poesia, reduzida, mas real, num texto técnico ou jurídico. A intraduzibilidade é um dos modos de autoafirmação de um texto. (BERMAN, 2007, p. 40)

Na análise tradutória – ou *analítica da tradução*, como é denominada pelo teórico –, há uma sistematização de treze tendências para esse estudo analítico. Nesse conceito, pressupõe-se que as tendências são involuntárias e imperativa por parte do tradutor, essas “inclinações” estão associadas em parte à identidade do indivíduo e essa característica não se apaga.

No sentido psicanalítico, na medida em que esse sistema é grandemente inconsciente se apresenta como um leque de tendências, de forças que desviam a tradução de seu verdadeiro objetivo. A analítica propõe-se colocar em evidência essas forças e mostrar os pontos sobre os quais elas agem. (BERMAN, 2007, p. 45)

Os critérios de avaliação dessas tendências enriquecem os estudos sobre o perfil do tradutor com uma perspectiva sobre a sua identidade e a importância do seu papel. As tendências deformadoras, segundo Antoine Berman, são:

Tendências deformadoras	
Racionalização	Diz respeito em primeiro lugar às estruturas sintáticas do original, bem como a este elemento delicado do texto em prosa que é a pontuação.
Clarificação	Trata-se de um corolário da racionalização mas que concerne particularmente ao nível de “clareza” sensível das palavras ou de seus sentidos.
Alongamento	Trata-se do acréscimo que não acrescenta nada, que só aumenta a massa bruta do texto, sem aumentar sua falácia ou sua significância.
Enobrecimento:	É o ponto culminante da tradução platônica, cuja forma acabada é a tradução (a-tradução) clássica.
Empobrecimento qualitativo	Ela remete à substituição dos termos, expressões, modos de dizer etc. do original por termos, expressões, modos de dizer, que não têm nem sua riqueza sonora, nem sua riqueza significativa.
Empobrecimento quantitativo	Remete a um desperdício lexical.
Homogeneização	Consiste em unificarem todos os planos o tecido do original.
Destruição dos ritmos	Trata-se da quebra rítmica do texto.
Destruição das redes significantes subjacentes	Toda obra comporta um texto “subjacente”, onde certos significantes chave se correspondem e se encadeiam, formam redes sob a “superfície” do texto, isto é: do texto manifesto, dado à simples leitura
Destruição dos sistemáticos	Consiste no sistematismo de uma obra ultrapassa o nível dos significantes: estende-se ao tipo de frases, de construção utilizadas
Destruição ou a exotização das redes de linguagens vernaculares	Quebra ou exotização de elementos vernáculos
Destruição das locuções	A prosa abunda em imagens, locuções, modos de dizer, provérbios etc., que dizem respeito ao vernacular. A maioria deles veicula um sentido ou

	uma experiência que se encontram em locuções etc, de outras línguas
Apagamento das suposições de línguas	A relação de tensão e de integração existente no original entre o vernacular e a coíné, a língua subjacente e a língua de superfície etc, tende a apagar-se.

Com o objetivo de intensificar a investigação e abrir o leque comparativo nesse estudo, foram inseridos também os critérios estruturalistas dos teóricos Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet paralelamente na análise tradutória. Sua fundamentação teórica está relacionada à Linguística de Saussure, com o pressuposto dos conceitos de *signo*, *significado/significante*, *valor* e *significação*.

Em seu artigo sobre tradução, voltada a adaptação para a leitura, Marcel Amorim une todos esses conceitos estruturalistas da linguística e cita uma fonte que define a objetividade da metodologia de Vinay & Dalbernet. Segundo ele, na estilística, Vinay e Darbelnet buscavam o método de observação comparada entre as características de uma língua e as de outra língua, procurando catalogar as formas elegantes e convincentes do uso dessas (cf. BARBOSA, [1990] 2004, p. 22-23).

Para que a tradução literária cumprisse com as normas metalinguísticas do texto original foram pensados nesses critérios, pois para eles uma tradução literal, por ser a modalidade mais comum e “natural” da tradução, poderia apresentar cinco erros que a desqualificaria, são eles: mudança no sentido, perda total do sentido, razões estruturais, falta de correspondência metalinguística e mudança no registro usual da língua.

Nesse contexto, a tradução é classificada em dois grupos maiores a *direta* e *oblíqua*, o conceito apresenta sete procedimentos de tradução com maior ou menor grau de complexidade.

Procedimentos tradutórios	
Empréstimo	Trata-se de uma substituição metalinguística
Decalque	Consiste em uma forma especial de empréstimo no qual a língua de chegada transpõe a forma de expressão da língua de partida

Tradução literal	Modalidade mais simples e comum da tradução.
Transposição	Consiste na substituição na classe de uma palavra sem alterar o significado da mensagem.
Modulação	Consiste na variação da forma da mensagem obtida por uma mudança de ponto de vista
Equivalência	É o procedimento utilizado em casos nos quais as línguas dão conta da mesma situação por meios estilísticos e estruturais diversos.
Adaptação	Procedimento que engloba os outros, consiste no extremo limite da tradução. Ela é usada naqueles casos em que o tipo de situação ao qual se refere a mensagem em LF é desconhecida na cultura da LA

3. Análise de 25 palavras neológicas traduzidas ao Espanhol por Ángel Crespo

Portanto, a partir de todos os conceitos indicados até o momento, inicia-se a análise das criações neológicas presentes na obra de João Guimarães Rosa, traduzida para a língua espanhola, *Gran Sertón: Veredas*.

1. Nonada

Original: Nonada	Tradução oficial publicada: Nonada
“NONADA. TIROS QUE O SENHOR ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja.”	“Nonada. Los tiros que usted ha oído han sido no de peleas de hombres, Dios nos asista.”

A trama se inicia com a palavra “Nonada”, ela é recorrente em cinco outras passagens durante a obra. Este neologismo é uma aglutinação, uma composição das palavras “Não é nada”. Abrindo o leque de significados, a palavra também pode significar “coisa nenhuma” ou “quase nada”. Na tradução para a língua espanhola a palavra permaneceu a mesma, isso porque na formação lexical das duas línguas este tipo de aglutinação almejada por Rosa tem o

mesmo resultado com os sons. Na teoria analítica de Vinay & Darbelnet (1960) a modalidade de tradução foi o *empréstimo*, vista por eles como o método mais simples dentre as estratégias tradutórias.

Segundo as tendências de Berman (2007) a estratégia utilizada foi a *homogeneização*, avaliando num aspecto geral, o qual o tradutor se beneficiou da similaridade na grafia e levou esta palavra heterogênea a língua espanhola, pois não há aceção da mesma no dicionário de língua espanhola da Real Academia. Ainda segundo Berman (2007), é tendência do tradutor homogeneizar, buscar *unificar* todos os planos, dessa forma ocorre a unificação da palavra neológica “Nonada” nos domínios das línguas portuguesa e espanhola.

2. Dalalalar

Original: dalalalar	Tradução oficial publicada: brotatata
“Aquilo bonito, quando tição aceso estala seu fim em faíscas – e labareda dalalala.”	“Bonito aquello, cuando el tizón encendido estalla su sinfín de chispas: y la llamarada brotatata”

Dalalalar é um verbo neológico, que significa “arder”, “queimar”, esta criação é uma onomatopeia. Rosa intenciona aqui criar um verbo para a ação do fogo em si, relacionando com o som das labaredas e o seu movimento. Pela grafia da palavra, remete a línguas de fogo (Cf. Martins, 2001, p.147). Na tradução para o Espanhol, Crespo não cria uma onomatopeia com o som das chamas, optando por usar o verbo “brotar”, o que difere no uso é que o tradutor também opta por manter a repetição fonética que remete a representação da imagem do fogo e de seu movimento. Portanto, a modalidade do método de tradução é a *adaptação* (Vinay & Darbelnet, p. 91), por se tratar de uma criação neológica de mensagem desconhecida na língua espanhola.

Dentre as tendências, observa-se o uso da *clarificação* uma vez que o tradutor não cria um verbo para representação visual do fogo e sim explica o que o neologismo significa. Nesse caso, ocorre também um *empobrecimento qualitativo*, traduzindo por “brotatata” – a onomatopeia perde a singularidade da invenção e é substituída por um verbo que possui aceção na Real Academia Espanhola com modificações onomatopeicas. O *empobrecimento qualitativo* remete à substituição dos termos, expressões, modos de dizer etc. do original por

termos, expressões, modos de dizer, que não têm nem sua riqueza sonora, nem sua riqueza significante (BERMAN, 2007, p. 54)

3. Aboborosa

Original: aboborosa	Tradução oficial publicada: reblandecida
“Coisa que me contou tantas lorotas. Trem, caco de velha, boca que se fechava aboborosa, de sem dentes.”	“Cierto que me contó tantos chismes. Trasto, desperdicio de vieja, boca que se cerraba reblandecida, por no tener dientes.”

A palavra “aboborosa” é um neologismo usado na obra como um adjetivo. Nesse casos a criação tem um radical com significado definido – a abobora. Observando a estilística Roseana é comum encontrar substantivo mais o sufixo –oso para adjetivar uma coisa, dando uma ideia de intensidade, nessa linha, há outros exemplos como: vivo, soso, chapado, entre muitos. O significado desse neologismo salienta a representação do aspecto da abóbora. Na tradução, o adjetivo usado foi “reblandecida” com significado de algo mole ou amolecido.

Na metodologia de Vinay & Darbelnet (1960), o recurso empregado pelo tradutor foi a *adaptação*, dado que “Aboborosa” é uma criação neológica estilística da escrita do autor da obra. Na língua espanhola, a tradução tem uma grafia diferente e há diversos termos para a tradução de abóbora dentre os países Latino-americanos, aqui seria um ponto de dificuldade para o tradutor caso sua decisão tivesse sido recriar o neologismo a partir da representação do aspecto da abóbora.

Para Berman, a tendência nesse caso foi a *clarificação*, visto que a imagem que é dada para representar a abóbora posta como caracterização de uma mulher, é esclarecida na tradução dispondo do uso de um adjetivo. Há também o *empobrecimento qualitativo* com a perda da criação da imagem através da abóbora.

4. Não obstante

Original: não obstante	Tradução oficial publicada: no obstante
------------------------	-----------------------------------------

O que era – que o raso não era tão terrível? Ou foi por graças que achamos todo o carecido, não obstante no ir em rumos incertos, sem mesmo se percurar?	“Lo que era: ¿que el raso no era tan terrible? ¿O fue por gracias por lo que encontramos todo lo necesitado, no obstante yendo por rumbos inseguros, hasta sin procurarlo?”
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O neologismo “Nãostante” é uma composição por aglutinação das palavras “Não obstante” e possui duas passagens na obra. Sua tradução para o Espanhol é modulada entre duas estratégias. Consoante Vinay & Darbelnet (1960), a *tradução literal*, o nome em si já define esse conceito de transferência gramatical e semântica, e a *adaptação*, pois a criação neológica passa a não existir. Dessa forma, há a transferência gramatical da ideia projetada por Rosa com sua criação na norma culta da língua espanhola.

Nesse caso não há confusão em torno do sentido da palavra neológica, sua grafia não traz dificuldade de compreensão ao leitor, sua tradução analisada pelas tendências sofreu um *empobrecimento qualitativo* com a transformação da estilística da prosa, o ritmo gerado pelo neologismo se verte na pronuncia habitual da locução prepositiva.

5. Patavim

Original: patavim	Tradução oficial publicada: no creí palabra
“O senhor não é como eu? Não acreditei patavim.”	“¿A usted no le ocurre? No creí palabra.”

No dialeto sertanejo algumas estruturas na formação lexical estão estabelecidas por um padrão gráfico, a palavra neológica “patavim” está dentro dessa classificação. O sufixo –im é uma variação oral do diminutivo (-inho), a sufixação é dos recursos de Guimarães Rosa na formação lexical de sua estilística. Com a devida investigação conclui-se que a palavra patavim não tem aceção em dicionários de língua portuguesa, ela deriva na palavra “patavina” que significa nada ou coisa alguma.

Na tradução o neologismo foi substituído pelo substantivo “palabra” e toda a sentença sofreu uma tradução de sentido. Para Nida (1964), na poesia a atenção é focada mais em

elementos formais do que na prosa: “Not that content is necessarily sacrificed in translation of a poem, but the content is necessarily constricted into certain formal molds” (NIDA, 1964, p. 127). Na linha metodológica de Vinay & Darbelnet a estratégia nesse caso é a *modulação*, pois há uma variação na forma como a mensagem é entregue, aqui a sentença é alterada. Também se observa a modalidade de *adaptação* pois a criação neológica não possui aceção na língua espanhola e para transmitir a mensagem foi necessário reconstruir o mesmo sentido em outras palavras.

Nas tendências de Berman, há um *empobrecimento qualitativo*, pois o neologismo “patavim” compõe a estilística do autor, a construção por sufixação é de característica de Rosa, além disso com a mudança na tradução para um substantivo não neológico ocorreu a *clarificação* da sentença.

6. Jijujã

Original: Jijujã	Tradução oficial publicada: Jijuján
“Compadre meu Quelemém é quem muito me consola – Quelemém de Góis. Mas ele tem de morar longe daqui, na Jijujã”	“Mucho me consuela mi compadre Quelemén, Quelemén de Gois. Pero tiene que vivir lejos de aquí, en Jijuján.”

Jijujã pertence a uma classe de palavra neológica que na linguagem Roseana se difere por representar graficamente um lugar. Foi constatado que a palavra não tem aceção em dicionários da língua portuguesa, ela indica o nome de uma vereda. Trata-se de uma toponímia inventada demarcada do território da obra, Rosa faz um jogo com as sílabas para que sonoramente elas expressem a ideia de longitude. “Lá na Jijujã”.

A tradução de Crespo manteve a gênese neológica da palavra, com “Jijuján”. A combinação silábica que remete a ideia de longitude também foi mantida, o que foi alterado é a grafia da palavra, na análise do método ocorreu uma *equivalência* visto que o termo foi incorporado a língua espanhola com uma adaptação fonética que nada interfere no significado da palavra e nem na mensagem da frase, e analisando o processo de criação do neologismo a modalidade também tange a *tradução literal*.

Por ser um nome próprio a tendência nesse caso do tradutor é a *homogeneização* pois há uma unificação do original com a tradução devido as duas línguas permitirem essa construção, Berman (2007, p. 55) diz que frente a uma obra heterogênea o tradutor tem tendência a unificar, a homogeneizar o que é da ordem do diverso.

7. Satanazim

Original: satanazim	Tradução oficial publicada: satanasín
“E um José Simpílicio – quem qualquer daqui jura ele tem um capeta em casa, miúdo satanazim”	“Y un Jisé Simpílicio, del que cualquiera de aquí jura que tiene un capeta en casa, satanasín chiquitín”

Este é outro caso de sufixação, o final –im assim como já mencionado representa o diminutivo, ou seja, nesse contexto seria um sataná *pequeno*. Essa construção neológica é popular na oralidade, mas não possui aceção em dicionários de língua portuguesa. A decisão tradutória da expressão “satanasín chiquitín” traz indagações sobre a morfologia das duas palavras. Na formação lexical da língua espanhola, o diminutivo é formado pelas terminações em –ito/ita ou –cito/cita, o que se evidencia a tradução do sufixo –im por –ín nas palavras, com o abandono da regra gramatical, originando dois neologismos, vertendo também a etimologia da tradução da palavra “miúdo” em Espanhol.

Na análise metodológica de ocorre a *tradução literal* dado que há a tradução do sufixo, que por sua vez funciona como agente determinante nessa formação lexical neológica. Segundo Vinay & Darbelnet (1960) esta modalidade é a mais difundida, comumente utilizada em línguas de mesma família, ainda mais se compartilham de elementos culturais.

Analisando separadamente, “satanasín” está na tendência da *homogeneização* quando o tradutor unifica os processos de criação neológica de Rosa e incorpora em sua tradução, mantendo a estilística do autor. Já a palavra não neológica “miúdo” ao ser traduzida por um neologismo se caracteriza como *enobrecimento*, uma vez que a classificação da palavra é alterada e o resultado é “mais belo”. Assim, há uma poetização desse substantivo (BERMAN, 2007, p. 52).

8. Mortalma

Original: mortalma	Tradução oficial publicada: muertalma
“Ah, e o sabiá-preto canta bem. Veredas. No mais, nem mortalma.”	“Ah, y el sabiá negro canta bien. Veredas. En lo más, ni muertalma.”

A invenção neológica “Mortalma” é uma aglutinação das palavras “morta” e “alma”. Na linguagem Roseana, um recurso comumente empregado são as aglutinações entre o substantivo e o adjetivo, compilando a ideia a uma só palavra, atribuindo o ritmo da oralidade a frase. A tradução “muertalma” também é uma criação neológica no Espanhol, não havendo aceção no dicionário da Real Academia Espanhola, o tradutor mantém a intenção estilística do autor.

A modalidade tradutória é a *tradução literal* e a *equivalência*, os critérios para essa formação lexical foi o mesmo nas duas línguas. Nas tendências de Berman há a *destruição de ritmos* visto que “mortalma” tem como sílaba tônica o “tal” com essa dinâmica a palavra traz a sonoridade da fala, esse ritmo é quebrado na tradução devido ao encontro vocálico ‘ue’ pois, a palavra “muerte” é uma paroxítona com a sílaba tônica em “muer”.

9. Gargaragem

Original: gargaragem	Tradução oficial publicada: gargarajeo
“...já ouviu o senhor gargaragem de onça?”	“...¿ya ha oído usted el gargarajeo de la onza?”

“Gargaragem” é um verbo neológico gerado para representar o som feito pela onça, um efeito sonoro também se exprime na palavra, Rosa enreda a palavra com o trocadilho de ruídos vindo da “garganta”. A tradução de Crespo apresenta também o verbo neológico “gargarejear”, com adaptações fonéticas o tradutor se beneficia nesse caso da similaridade entre as duas línguas. Sendo assim, o trocadilho com a palavra “garganta” intencionado pelo autor se mantém em Espanhol.

Nas modalidades de Vinay & Darbelnet ocorrem a *tradução literal* e a *equivalência*, pois há concordância semântica entre as duas palavras. Nas tendências de Berman há uma *homogeneização* quando o tradutor opta por manter um neologismo.

10. Meremerência

Original: meremerência	Tradução oficial publicada: benemerencias
“...para vir aqui, ouvi de que reza também com grandes meremerências”	“...oí que reza también con grandes benemerencias.”

Esse neologismo, “meremerência”, é uma aglutinação das palavras sinônimas “benemerência” e “merecimento”, a palavra traz um sentido de intensidade, muito merecimento. Na tradução é utilizada a palavra raiz da aglutinação “benemerencias”, dessa forma a modalidade tradutória foi a *explicitação*, visto que a palavra substituta é uma das definições do neologismo, aqui também ocorre uma *adaptação*. Segundo Vinay & Darbelnet (1960), a adaptação pode também ser descrita como um tipo especial de equivalência, dessa forma, a *equivalência* também tange o aspecto de modalidade tradutória.

Na linha de Berman, ocorreu o *empobrecimento quantitativo*, uma vez que a palavra perdeu sua gênese neológica, resultando na perda da intensidade que a palavra carrega, ela também atua como um adverbio de intensidade, ocorre ainda a *clarificação* do termo na substituição pelo sinônimo de menor força.

11. Claráguas

Original: claráguas	Tradução oficial publicada: clarasguas
“Muito deleitável. Claráguas, fontes, sombreado e sol.”	“Muy deleitable. Clarasaguas, fuentes, sombreado y sol.”

Novamente analisamos um neologismo estilístico. A aglutinação do adjetivo “clara” e o substantivo “águas” provavelmente objetiva dar uma ritmicidade à prosa. Enquanto isso, na tradução também foi optado pela permanência do neologismo, mas de ordem gramatical

diferente, a escolha foi uma composição por justaposição. Portanto, a modulação da tradução por Vinay & Darbelnet (1960) é a *explicitação*, de forma que o leitor facilmente compreende o que está lendo.

Uma das conclusões a se tirar nesse caso é a de que o conceito de *explicitação* caminha complementar com a tendência de *clarificação* de Berman, também ocorre o *empobrecimento qualitativo* com a mudança na composição do neologismo a sílaba tônica na palavra em Espanhol.

12. Mujo

Original: Mujo	Tradução oficial publicada: Mujo
“A gente contornou, por se chegar primeiro no Nestor, na Vereda-Meã, e no Coliorano, depois do Mujo.”	Rodeamos, para llegar primero al Néstor, a la Vereda Mediana, y al Coliorano, después del Mujo

Guimarães Rosa descreve essa palavra como “Grande valor, de som e de aspecto, associação com caramujo, sujo, mujik, mugido?” (ROSA, 1972, p. 52) o que evidencia que além de representar o espaço físico, ela também sentenciar a imagem desse espaço com essa associação de palavras proposta pelo autor. Outra vez com a similaridade rítmica e gráfica das línguas esses aspectos foram mantidos na tradução que optou também por *emprestar* o neologismo. Sobre a modalidade de *empréstimo*, Vinay & Darbelnet (1960) dizem que o é o mais simples dos métodos e que ocasionalmente é necessário seu uso para criar um efeito estilístico. Nas tendências de Berman, ao preservar a carga semântica do neologismo o tradutor realiza a *homogeneização* dos dois planos.

13. Assunciano

Original: assuciano	Tradução oficial publicada: asunciano
“Assunciano: quando se falava em fogo”	“Asunciano: cuando se hablaba de fuego”

A palavra neológica “assunciano” é uma criação que mistura as palavras “assunto” com uma assimilação sonora da ação do verbo anunciar. A carga semântica dessa palavra traz

o conceito de uma sentença com início, meio e fim provavelmente “anunciando o assunto”. A tradução também se beneficia da proximidade das línguas: o tradutor opta por manter o neologismo, o jogo rítmico com as palavras “asunto” e “anunciar” permanece.

A estratégia tradutória analisada na metodologia de Vinay & Dalbernet pertence as modalidades da *tradução literal* e da *equivalência*, com a preservação da carga semântica. Como tendência, há a *homogeneização* que, por sua vez, está ligada a homogeneidade entre as línguas, isso em escala proporcional, quanto mais similaridade maior será a possibilidade de *homogeneizar* o texto.

14. Sovigia

Original: sovigia	Tradução oficial publicada: de reajo
“De sovigia, o Hermógenes não me largava.”	“De reajo, el Hermógenes no me abandonaba”

O termo neológico “Sovigiar” é uma composição por justaposição das palavras “só” e “vigia” com a retirada do acento agudo para tonificar a sílaba “gi”. Também podendo significar algo como espiar, a tradução traz a definição da ação do personagem. Dentre as modalidades teóricas, nesse caso ocorre a *explicitação* e também o *acréscimo* pois o neologismo se verte na expressão “de reajos”.

Segundo as tendências de Berman houve uma *clarificação* ao definir o significado da palavra, também devido a alteração na ordem gramatical, há o *empobrecimento qualitativo* com o decréscimo da sonoridade do termo na prosa.

15. Cabralhada

Original: cabralhada	Tradução oficial publicada: criollada
“Cabralhada. Tiba. De boa entrada”	“Criollada. Montonera. De buena entrada”

Na linguagem sertaneja o termo “cabra” é popularmente atribuído para representar o homem, sendo assim a “cabralhada” seria o coletivo neológico desses homens, também

podendo ser visto como “rapaziada”. Segundo o oficial Dicionário de americanismos (2010), “criollada” tem acepções de “conjunto de crioulos” e “costume ou tradição própria de uma cidade” e em alguns outras de sentido negativo que não são relevantes. Na linha analítica de Vinay & Dalbernet, a modalidade é a *recriação* posto que a carga cultural sertaneja da palavra não pode ser transferida. A escolha do tradutor é substituir por uma palavra não neológica que não possui tanto caráter formal.

Na linha de Berman uma impressão dessa análise é que sempre quando há a troca da ordem gramatical há o *empobrecimento qualitativo* e subjetivamente a *clarificação* devido ao pressuposto de que alterar um neologismo por um sinônimo de definição semântica explica ao leitor o termo.

16. Susseguinte.

Original: Susseguinte	Tradução oficial publicada: Subsigientemente
“e susseguinte – o que não sei é se foram todos duma vez, ou um logo e logo outro e outro”	“; y subsigientemente —lo que no sé es si fueron todos de una vez o uno primero y luego otro y otro”

A palavra “susseguinte” não tem acepção nos dicionários de língua portuguesa consultados, é uma invenção neológica estilística do autor. Trata-se de uma composição por aglutinação das palavras sinônimas “subsequente” e “seguinte” podendo ainda ter a alusão ao verbo “suceder”, um jogo de palavras para expressar a ideia “sucedeu o seguinte”.

Na tradução espanhola o neologismo foi substituído pelo termo “subsigientemente” uma construção léxica que do adjetivo “subsiguiente” e o sufixo –mente tornando a palavra um advérbio. Dentre os procedimentos de Vinay & Dalbernet ocorreu uma *transposição* pois, a classe das palavras foi alterada saindo de uma invenção neológica no português para um advérbio no espanhol sem alterar o sentido da sentença no contexto em que a palavra está inserida. Nas tendências de Berman ocorreu uma *clarificação* do termo ao se substituir por um sinônimo não neológico o que também resulta em um *empobrecimento qualitativo*, visto que se perde o traço estilístico de Rosa.

17. Uê-uê

Original: Uê-uê pg. 12	Tradução oficial publicada: Y
“Uê-uê, então?!”	“¿y entonces?”

O neologismo “Uê-uê” é uma composição modificada por justaposição da interjeição “ué”, a repetição da palavra é um recurso estilístico do escritor, peculiaridade linguística observada na formação de algumas palavras neológicas na linguagem Roseana. A tradução espanhola de Crespo faz a elipse do termo neológico e traduz o significado da palavra para a conjunção “y”, dessa forma há a quebra na estilística do escritor, pois o jogo fonético é desfeito.

Dentre os procedimentos de Vinay & Dalbernet ocorre a *tradução literal* do significado do neologismo, assim como uma *transposição* devido a troca de classe gramatical das palavras sem alteração do sentido da sentença. Analisando através de Berman ocorre aqui a *clarificação* do termo com o uso do conectivo “y” complementarmente o *empobrecimento qualitativo* com a perda do recurso estilístico do escritor.

18. Soposo

Original: Soposo	Tradução oficial publicada: Soporoso
“Ou – o senhor vai – no soposo: de chuva-chuva.”	“O - usted va— en lo soporoso: con lluvia-lluvia”

A palavra neológica “soposo” é uma junção do substantivo “sopa” e o sufixo –oso como já mencionado, Rosa cria adjetivos através desse método. O termo não possui aceção em dicionários de língua portuguesa consultado, o significado teria uma associação com a palavra “ensopado”. A tradução espanhola optou por manter a gênese da palavra com a criação do neologismo “soporoso”, a palavra de origem “sopa” tem grafia e significado iguais nos dois

idiomas, em Espanhol há o acréscimo do sufixo –oroso mantendo a intensidade estilística escolhida por Rosa.

O que pode haver nesse caso, é a confusão do leitor hispanófono pois, o som do neologismo espanhol também remete a palavra “poroso” que é um adjetivo espanhol de associação a poros, uma mensagem completamente diferente da do escritor. Nas modalidades de Vinay & Dalbernet ocorreu a *tradução literal*, mas também tange as definições de *modulação* pois há um desvio no produto final na língua espanhola, de forma que a significação do termo pode ficar ambígua ao leitor da tradução espanhola. Para Berman, a tendência nesse caso se refere aum *alongamento* morfológico na tradução assim como a *homogeneização* da palavra nos dois idiomas.

19. Fosforém

Original: Fosforém	Tradução oficial publicada: Fosforén
“às horas dá de si uma luz, nessas escuridões: folha a folha, um fosforem”	“una luz en aquellas oscuridades; hoja a hoja, un fosforén”

O neologismo “fosforém” é uma composição da palavra “fósforo” com o sufixo –em, como já mencionado, a sufixação de palavras é um recurso estilístico bem presente na linguagem Roseana. A criação neológica está associada a palavra “fosforescência”, assim como é citado no livro *O léxico de Guimarães Rosa (2001)* de Nilce Martins.

A tradução segue a estilística do escritor e se beneficia das estruturas idênticas das duas línguas nesse caso, o resultado é a criação de um neologismo espanhol. Pelos procedimentos de Vinay & Dalbernet foi realizada a *tradução literal* complementarmente se enquadrando em *equivalência*, visto que o significado do neologismo permanece o mesmo na tradução em Espanhol.

Pelas tendências de Berman há na sentença uma *destruição de ritmos* dado que para introduzir o que antecede o neologismo, Rosa opta por colocar dois pontos, o que é substituído na tradução para o Espanhol pelo ponto e vírgula redefinindo a rítmica da frase.

Devido a sua gênese neológica ter sido mantida na tradução, ocorre também a *homogeneização* da palavra nos dois planos.

20. Diversiar

Original: Diversiar	Tradução oficial publicada: Diversear
“E o sistema diversiava demais do regime com Zé Bebelo.”	“Y el sistema diverseaba demasiado del régimen de Zé Bebelo”

O neologismo “diversiar” é uma criação neológica derivada do substantivo “diverso”, que por sua vez tem origem do Latim das palavras “diversus”, a derivação da palavra latina também ocorreu no idioma espanhol resultando no substantivo “diverso”. A transformação feita por Rosa é a verbalização do substantivo.

A tradução se beneficia dessa cadeia de derivações e mantém o neologismo com a mesma forma do original. Pelos procedimentos de Vinay & Dalbernet há um *empréstimo* neológico da palavra, pela linha analítica de Berman ocorre a *homogeneização* do neologismo mantendo o estilo do original.

21. Môm

Original: Môm	Tradução oficial publicada: Mu
“Bom era ouvir o môm das vacas devendo seu leite”	“Bueno era oír el mu de las vacas bebiendo su leche”

“Môm” é uma criação neológica gerada pelo som de uma vaca, o mugido, trata-se da formação de um neologismo através de uma onomatopeia, o termo não possui aceção nos dicionários de língua portuguesa consultados. A tradução opta por manter a onomatopeia, mas rompe com o neologismo, uma vez que “mu” tem aceção no dicionário da Real Academia Espanhola.

Investigando através de Vinay & Dalbernet há uma *adaptação* linguística seguida pela *tradução literal* do neologismo em português, o que também tange os conceitos de equivalência, já que mesmo sem possuir acepção em dicionários a palavra exprime seu significado na leitura fonética. Para Berman, a tendência mais exposta é a *clarificação* assim como o *empobrecimento qualitativo* na descaracterização e troca na classe das duas palavras.

22. Lequelequeia

Original: Lequelequêia	Tradução oficial publicada: Abaniqueniqueo
“a papeagem no buritizal, que lequelequeia”	“el parlendaje en el buritizar, qué abaniqueniqueo”

A palavra neológica “lequelequeia” não possui acepção nos dicionários de língua portuguesa consultados, trata-se de um trocadilho com o movimento feito por um leque, o jogo oral da composição está na repetição do substantivo “leque”. Na tradução de Crespo também é empregado um neologismo, porém o processo de formação dele se dá de forma distinta. Enquanto no português o neologismo deriva de um substantivo, no espanhol o termo deriva do verbo “abanicarse”. Como o emprego da repetição é um recurso estilístico do autor, essa característica é mantida na tradução, resultando na criação do neologismo “abaniqueniqueo” sem acepção nos dicionários de língua espanhola consultados, mas de fácil compreensão do significado pois também carrega um jogo fonético com o radical exposto.

Nos procedimentos de Vinay & Dalbernet pode-se indicar a *tradução literal e a equivalência* entre os dois termos. Nas tendências de Berman ocorre a *homogeneização* neológica do termo nos dois idiomas, preservando os pressupostos da estilística roseana.

23. Belazul

Original: Belazul	Tradução oficial publicada: Bellazul
“...mas depois a tinta-dos-gentios de flor belazul.”	“...más después la tinta-de-los-gentiles de flor bellazul”

“Belazul” é uma composição por aglutinação do adjetivo “bela” e o substantivo “azul”, esse neologismo está caracterizando a flor em dois aspectos: na forma e na imagem. Alíngua espanhola dispõe de todos esses elementos e o tradutor faz uso disso para recriar o neologismo “bellazul”.

Dessa forma a modalidade tradutória na linha de Vinay & Dalbernet é a *tradução literal* e, complementar a ela, a *equivalência* dos termos. Nas tendências de Berman ocorre a *homogeneização* nos dois idiomas, preservando os aspectos que a criação neológica no original intende transmitir.

24. Chiim

Original: Chiim	Tradução oficial publicada: Chií
“...de vôo não ouvido, corujante...”	“Y el chí de los grillos reunía el campo”

O termo neológico “chiim” é uma onomatopeia do som feito por grilos, a palavra tem função estilística na linguagem Roseana e não possui acepção nos dicionários de língua portuguesa consultados. A tradução de Crespo também apresenta um neologismo sem acepções em dicionários de língua espanhola consultados, a grafia da tradução “chí” remete a morfologia do original.

Sendo assim, os procedimentos na linha de Vinay & Dalbernet é a *tradução literal* e a *equivalência* dos termos. Nas tendências de Berman ocorre novamente a *homogeneização* nos dois idiomas, remetendo aos aspectos fonéticos e morfológicos intencionados pelo autor da obra.

25. Vesgava

Original: Vesgava	Tradução oficial publicada: Bizqueaba
“ele tinha olhos muito incertos e	“y tenía ojos muy inciertos y bizqueaba”

vesgava”	
----------	--

“Vesgava” é um verbo neológico derivado do substantivo “vesgo”, a palavra não possui acepção nos dicionários de língua portuguesa consultados. A tradução para o espanhol utiliza o verbo “bizquear” que, segundo a RAE, significa “padecer de estrabismo”, o que mostra uma explicação do neologismo.

Analisando através de Vinay & Dalbernet, ocorre a *tradução literal* do termo neológico por um verbo regular correspondente na língua espanhola. Para Berman, as tendências aqui são a *clarificação e o empobrecimento qualitativo*, visto que a gênese da palavra foi alterada, assim como a classe que ela pertence.

3.1 Traduzindo Neologismos

Nesta parte as decisões tradutórias serão debatidas e contrastadas com outras possibilidades de tradução dos neologismos, o objetivo é trazer uma visão que possa unir os conhecimentos acadêmicos de tradução com a prática em si e a carga cultural aos olhos de uma tradutora/leitora.

1. **Nonada(PT) – Nonada (ES)** – Outras possibilidades seriam explicar o termo traduzindo por “No es nada” ou “No pasa nada”.
2. **Dalalalar <> Brotatata** - Outra possibilidade seria usar o sinônimo “inflamar” para remeter a ideia das labaredas, traduzindo por “inflamababa” mantendo a repetição.
3. **Aboborosa<> Reblandecida** – A escolha do adjetivo “reblandecida” é muito adequada, visto que nesse caso para manter a gênese do neologismo com a palavra abóbora seria necessário levar em conta que existem muitos tipos de abóbora com diferentes nomenclaturas dentro do idioma espanhol, por isso para não adicionar ou reduzir a carga semântica foi posto um adjetivo explicando o neologismo.

4. **Nãostante<> No obstante** – O tradutor optou por explicar neologismo desfazendo a aglutinação. Uma outra possibilidade seria adaptar a tradução literal do neologismo no português, traduzindo por “nobstante” dando uma nova rítmica a palavra.
5. **Patavim<> No creí palabra** – Novamente o neologismo é explicado, dessa vez em uma sentença. A palavra “patavina” existe na língua espanhola mas seu significado não tem nenhuma ligação com a do neologismo, então para não gerar dúvidas para o leitor hispanófono a explicação do termo é coerente, também poderia ser traduzido por “no creí nada”.
6. **Jijujã<> Jijuján** – Este é um neologismo mas se refere a um nome próprio de uma região física, então assim como acontecem com algumas cidades que tem seus nomes traduzidos para a morfologia da língua de chegada, a palavra foi levada ao Espanhol com essas alterações.
7. **Satanazim<> Satanasín** – Durante a obra, Rosa usa muitos nomes para ilustrar a figura do diabo, como o costume de sufixação é um recurso tirado do dialeto sertanejo, a palavra traz essa carga, uma sugestão de possibilidade seria traduzir por “diablito”.
8. **Mortalma<> Muertalma**–A rítmica do neologismo está na sílaba “tal” e acaba sendo substituída pelo o som “Muer” na tradução espanhola, sendo assim uma possibilidade de tradução seria repetir o neologismo com a mesma grafia do original, como todas as palavras derivam do Latim nas duas línguas, o leitor hispano-falante não teria dificuldade de assimilação do sons.
9. **Gargaragem<> Gargarejeo** – Mantendo a gênese neológica da palavra o tradutor se beneficia da proximidade das línguas e recria com coerência a tradução do neologismo.
10. **Meremerência<> Benemerencias**–Este é um caso que o tradutor novamente poderia se beneficiar da proximidade das duas línguas, porém ele optou por traduzir o neologismo por um sinônimo/radical do termo. Uma possibilidade seria fazer um novo jogo com as palavras “merecimento” e “benemerência” empréstimo do neologismo traduzindo por “benemerecimiento”.

- 11. Claráguas<> Clarasaguas**–O tradutor inverte a formação neológica de aglutinação para justaposição, conservando a rítmica que a palavra em Português possui na adaptação fonética resultada da perda do acento da palavra.
- 12. Mujo<> Mujo**–Essa palavra traz uma carga com várias acepções para sua formação, pela mesma significação semântica o termo se manteve na tradução espanhola. Nesse caso é mais adequada a tradução literal e se possível uma nota, ou explicação em glossário para o leitor sobre o conceito e cenário que a palavra remete.
- 13. Assunciano<> Asunciano**–A gênese do neologismo também pode ser mantida, outra possibilidade seria explicar essa fusão, traduzindo pelo verbo “anunciar”.
- 14. Sovigia<> De reojos**–O tradutor opta por explicar o neologismo e coerentemente o substitui por uma locução, recurso bem empregado, visto que não seria adequado uma tradução literal.
- 15. Cabralhada<> Criollada**–Uma outra opção de tradução poderia ser “cabronada”. Pois também uma carga ambígua em seu significado e se assimila foneticamente com a palavra original.
- 16. Susseguinte<> Subsiguientemente**–Outra vez o neologismo é substituído por um sinônimo. Recurso bem empregado, pois o tradutor também cria uma classe para a palavra traduzida, tornando-o um adverbio.
- 17. Uê-uê<> Y**–Nesse caso aonde o neologismo é substituído por um conector, uma solução seria para preservar a estilística do autor manter a repetição do termo, traduzindo por “Y-y entonces?”.
- 18. Soposo<> Soporoso**–Aqui o tradutor opta por manter a gênese neológica, mas o resultado na tradução os sons do neologismo “soporoso” pode remeter ao leitor hispano-falante a palavra “poroso” e não “sopa”, sendo assim uma solução seria explicar o aspecto que o adjetivo “soposo” quer trazer, “ensopado”.

- 19. Fosforém<> Fosforén**–Nesse caso o tradutor escolhe coerentemente manter a gênese neológica da palavra e sua morfologia. Outra possibilidade seria a palavra “fosforescencia”
- 20. Diversiar<> Diversear**–Este é outro caso aonde a proximidade entre as duas línguas beneficia o tradutor, ele é capaz de manter o neologismo com pequenos ajustes gramáticos que remete a mesma ideia do original.
- 21. Môm<>Mu** –A tradução da onomatopeia é adequada, outra possibilidade para manter a gênese neológica poderia ser a repetição da vogal u, “muuu”.
- 22. Lequelequeia<> Abaniqueniqueo**–O tradutor opta por manter o trocadilho e a repetição da palavra, fazendo a tradução literal do movimento que o verbo neológico remete, solução que preserva a estilística do autor.
- 23. Belazul <> Bellazul**–Aqui ocorre a bem empregada tradução literal do neologismo, esta solução também preserva a estilística de Rosa.
- 24. Chiim <> Chií**–Como na ocorrência anterior de onomatopeia o tradutor optou por traduzir pela palavra correspondente com acepção no dicionário, aqui naturalmente poderia se passar o mesmo, dessa forma outra possibilidade de tradução pode ser “cri-cri”.
- 25. Vespava <> Bizqueaba**– O tradutor opta por explicar o neologismo substituindo por um sinônimo, decisão bem empregada, visto que não seria possível uma tradução literal.

Assim, como se pode observar das palavras analisadas, pela proximidade lexical das duas línguas o tradutor intenciona harmonizar as traduções neológicas com a tradução literal desses termos. Devido a esse acercamento linguístico que as línguas estão inseridas, a tendência que mais vigora é homogeneizar a tradução como uma modalidade de adaptação de elementos lexicais que não são idênticos, mas também não estão distantes, que seguem paralelos por sua ancestralidade no Latim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que apesar da óbvia dificuldade de tradução, Ángel Crespo viabiliza uma boa tradução aos leitores hispanófonos, visto que uma das propriedades da Linguagem Roseana é ser falada no Brasil. Dessa forma, a característica cultural regional não pode ser traduzida inteiramente, mas o trabalho realizado por Crespo é honesto ao reinventar o inventado.

A proximidade entre as duas línguas viabiliza em si a ponte para essa tradução, devido a derivação do Latim, essas duas línguas românicas compartilham de alguns processos formação lexical, assim o tradutor se alia a este recurso e também se permite a explorar essa liberdade oferecida pelo Espanhol.

A proximidade lexical dos dois idiomas certamente ajuda o tradutor, mas não é capaz de eximir da dificuldade de tradução dos elementos culturais que estão enraizados na obra. Em seu artigo sobre língua e cultura a Prof^a Klondy Agra faz a seguinte ligação:

A linguagem é um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e entendidas, informações são decodificadas e classificadas e eventos são anunciados e interpretados, e a Cultura é o conjunto de ações: maneiras de atuar que formam os costumes, o contexto, o cenário. Assim como a linguagem, a cultura é um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e interpretadas. Entretanto, mais do que um código, a cultura é um cenário de composições e orientações para o mundo embalado em símbolos e formas simbólicas. (AGRA, p.02)

Dessa forma, nesse cenário cultural muitos elementos só irão existir na esfera do imaginário do leitor brasileiro ou conhecedor mínimo da cultura sertaneja e do sertão. A tradução se fabula na condensação criativa delimitada pelo autor da obra, mas toma novas formas na língua espanhola, conseqüentemente gerando um outro universo paralelo ao que Rosa cria. Portanto, esse novo universo de Rosa, transmitido por Crespo, traz a bagagem do original, mas involuntariamente adiciona uma nova bagagem ao resultado final.

Sendo assim, identificam-se no primeiro capítulo as características inerentes a singular forma de escrever do autor, assim como os recursos linguísticos que compõem sua estratégia de criação. Já no segundo capítulo, são analisadas as criações neológicas embasadas nas contribuições de Vinay & Dalbérnet e Antoine Berman consoante aos critérios avaliativos

para os Estudos da Tradução presentes em suas respectivas teorias. Em seguida, propõe-se uma avaliação pessoal da tradução dos neologismos trazendo a perspectiva analítica de uma tradutora e admiradora da obra.

Por fim, o trabalho deixa sua contribuição aos estudos científicos da Tradução, bem como aos da Literatura, objetivando o debate sobre obras brasileiras traduzidas para outro idioma para evidenciar a Literatura Brasileira como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Irene da Costa. Modalidades de tradução: uma avaliação do modelo proposto por Vinay & Darbelnet. São Paulo: PUC, 1983. ^Dissertação, Mestrado.)
- BERMAN, Antoine. (2013). A Tradução e a Letra o Albergue do Longínquo. 2. ed. Tubarão, SC: PGET/UFSC
- BIZZARRI, Edoardo. (Org.). J. Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. 2.ed. São Paulo; T.A. Queiroz, Editor, 1981. 1479 p.
- ENKVIST, Inger (1992). ¿Qué rasgos caracterizan una buena traducción literaria? Reflexiones basadas en traducciones de Vargas Llosa al inglés, al francés y al sueco. Moderna Sprak, 86/2, pp. 167-75.
- GUNTER, L. (1991). Diálogos com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). Guimarães Rosa. Coleção Fortuna Crítica (da faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro). 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A.
- MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. A tradução dos neologismos de Grande sertão: veredas. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1991, 225 p. (Tese Doutorado em Lingüística.)
- NIDA, Eugene A. Toward a science of translating. Leiden;E.J. Brill,1964.
- ROSA, J.G. Grande Sertão: Veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (2001).
- ROSA, J. G. Gran Sertón: Veredas. Tradução de Ángel Crespo. Barcelona: Ed. Seix Barral.(1979)
- VENUTI, Lawrence. The translator's invisibility; a history of translation. London /New York: Routledge, 1995.
- VINAY, J-P., DARBELNET, J. A Methodologyfor Translation. London /New York: 2000.

SITES CONSULTADOS

DICCIONÁRIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em:
<http://lema.rae.es/drae/> . Acesso em: 27 novembro 2017.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/vexar/>
Acesso em: 29 novembro 2017.

Instituto Cervantes. Bibliotecas y Documentos. Disponível em:
http://www.cervantes.es/bibliotecas_documentacion_espanol/biografias/brasil_angel_crespo.htm . Acesso em: 21 novembro 2017.

ANEXOS

GLOSSÁRIO RETIDADO DO LIVRO *GRAN SERTÓN: VEREDAS*

Abairado: Significa “sumamente airado”; la preposición de ablativo *ab* refuerza el sentido del verbo *airar*, irritar.

Acauán (acauã): Ave de rapiña que suele atacar, a las serpientes. El nombre es una onomatopeya de su canto.

Agramado: Otra palabra inventada por el autor: significa entristecido o sometido a una situación dramática.

Alabamén (louvamén): Palabra compuesta de *louva* (alaba) y *amén* dando la idea de una oración corta o jaculatoria.

Androso (andraja): Palabra derivada por el autor de la griega *andros*: hombre, varón; es perfectamente adaptable, como neologismo, al castellano.

Andú (andu): Planta arborescente leguminosa.

Angico: Nombre de varios árboles de la familia de las leguminosas, subfamilia de las mimosas.

Angú (angu): Masa consistente de harina de arroz, maíz o mandioca dulce, con agua y sal.

Ani: Ave negra y de cola larga (*Crotophaga ani*, Lin.), que recibe en el Brasil los nombres de *anu* y *anum*. El término que usamos es admitido en castellano.

Arapavaca: *Arapabaca*, en el Brasil. Nombre que reciben varias plantas de la familia de las loganiáceas; género *Spigelia*.

Arara: Palabra poco usual en el castellano de la Península. Se suele aplicarse al papagayo, pero en este caso se refiere, como en el territorio del Chaco, a una especie de grandes loros de colores muy vistosos.

Afaraúna: Véase arara. Arara de color azul.

Araticún (araticu o araticum): Nombre de varios árboles de la familia de las anonáceas, y de sus frutos.

Arazá (araçá): Árbol de la familia de las mirtáceas.

Bacuraú (bacurau): Nombre de varias aves de la familia de las caprimúlidas.

Barranquero: Natural o habitante del valle, o barranco, del río San Francisco. En portugués, barraqueiro.

Berimbau: Los diccionarios aplican este término a un pequeño instrumento metálico —en castellano, birimbao— que se sujeta con los dientes y se hace vibrar con los dedos, pero nosotros conocemos un complicado instrumento, usado por los negros de la Bahía, que recibe este mismo nombre, y por ello no lo traducimos. Consta de un arco de caña al que va adosada una especie de calabaza del tamaño de un puño con semillas en su interior, y de una cuerda metálica tensada por el arco. El tocador de berimbau produce diferentes sonidos golpeando la cuerda con un vástago, con una campanilla que sujeta con la misma mano que éste, y mediante oscilaciones del instrumento, con las semillas que hay en el interior de la calabaza. Dado que parte de la acción de este libro se desarrolla en tierras de Bahía y que bastantes de sus personajes son bahianos, pensamos que la exclamación berimbau hace referencia a este instrumento, como sinónimo de jaleo, danza y palabras análogas.

Bien-te-vi (bem-tevi): Nombre de varias aves de la familia de las tiránidas. El canto de estos pájaros ha dado lugar a que se los llame con las palabras que éste parece reproducir. De ahí la sensación de Riobaldo, en algún pasaje del libro, de que el pájaro le acusa, como la voz de la conciencia, porque “le ha visto bien”, conoce su vida y sus intenciones.

Birro: Nombre común dado a dos aves, una de ellas de la familia de las pícidas (*Leuconerpes candidus*, Otto) y otra de la de las tiránidas (*Hirundinea bellicosa*, Viell).

Bogarí (bogari): Arbusto de la familia de las oleáceas (*Jasminum sambac*, Ait.) y de sus flores.

Bugío (bugio): Mono corpulento, con el hueso hioide muy desarrollado y con barba en el mentón. También recibe, entre otros, el nombre de guariba.

Bugre: Indio bravo, en su origen. Después, este sustantivo ha adquirido las significaciones de indio en general y de individuo salvaje, bruto, pérfido o desconfiado.

Burití (buriti): Se trata de una hermosa palmera, muy abundante en el sertón, que crece al lado de las corrientes de agua y cuyos cocos, al caer al suelo y germinar, van dando lugar al desarrollo de largas hileras de árboles que denuncian desde lejos la existencia del agua. (*Mauritia vinífera*, Mart.).

Buritirana: Nombre brasileño de la palmera *Mauritia aculeatá*, H.B.K. No debe confundirse con la palmera burití.

Buritizar (buritizal): Grupo, más o menos numeroso, de buritíes. Buzo: Juego popular con rodajas de cáscara de naranja, granos de maíz u otras semillas.

Caapora: Nombre dado por los indios a los cultivos del interior.

Caapoero: Relativo al caapora. En portugués del Brasil, caapoero.

Caatinga: Bosque del Nordeste brasileño, compuesto por árboles de hoja caduca, entre los que abundan los espinosos; hay asimismo muchos cactus y su clima es seco y árido.

Caatingar (caatingal): Derivación popular de caatinga, que da idea de la gran extensión de ésta, sin que falte una alusión despectiva.

Cabalanceos: Neologismos del autor, formado por las palabras caballo y balanceo.

Caititú (caititu): Especie de jabalí brasileño.

Caculucage: Nombre que recibe en Minas Gerais la planta herbácea llamada quitoco en el resto del Brasil (Plúchea quitoc, DC.)

Campos Generales: Véase generales.

Canarana: Nombre de varias plantas gramíneas.

Cancán (canca): Ave de la familia de las anátidas (Nomonyx dominicus, Lin.)

Canyica (cangica): Maíz cocido con azúcar, leche de coco y canela.

Cañabrava (cana-brava): Planta herbácea de la familia de las amonáceas utilizada en la fabricación de cestas y espuestas.

Capivara: Gran mamífero del orden de los roedores (Hydrochoerus hydrochoeris, Lin.)

Caraíba: Denominación de la planta borraginácea Cordia calcephala, Cham.

Carnaúba: Especie de palmera que produce una cera muy valorada en el mercado.

Caroá: Planta bromeliácea, cuyas fibras sustituyen en determinadas regiones del Brasil a las del cáñamo y el lino.

Carurú (caruru): Nombre aplicado a varias plantas amarantáceas.

Cayú (caju): Pedúnculo comestible del fruto del cayuelo; es una especie de almendra.
Cayuelo

(cajueiro): Árbol anarcadiáceo (Anacardium occidentales, Lin.)

Cipó (isipó): Nombre de muchas plantas de tallos sarmentosos, algunos de ellos de gran longitud y dureza, que suelen enredarse entre las ramas de otros vegetales.

Comblén: Pronunciación popular de la marca Comblain, de armas de fuego.

Confa: Apócope popular de confabulación. Cuento (conto): Diez veces cien mil reis. Actualmente equivalente a mil cruzeiros.

Crondeubales (crondeubais): Como si dijese carnaubales. Se trata de una corrupción popular: crondeúba, por carnaúba.

Chucrepita: Crepita, con un prefijo onomatopéyico. Es un neologismo del autor que creemos adaptable al castellano.

Desmí: Neologismo formado con el prefijo negativo des y la forma pronominal mí.

Disquiriendo: Neologismo del autor. Concurren en él los verbos disponer, inquirir y querer. Da idea de buena disposición de mando.

Drongo: del latín drungus, i; cuerpo de tropas, en este caso, pelotón. Se trata de un cultismo que juzgamos admisible en castellano en la misma medida que en portugués.

Embaiados: Véase, unas palabras antes, mbaiá. Los indios mbaiá se disfrazaban con ramas para confundir al enemigo. Embaiado significa disfrazado como los mbaiá.

Embaúba: Árbol de la familia de las moráceas, también llamado umbaúba (Cecropia palmata, Will.).

Embira: Corteza de árbol con la que se hacen cuerdas.

Entremoniada: Neologismo al que concurren las ideas de entremezclar y endemoniar. El autor lo crea al referirse a una oración oscura y sacrílega.

Exhalarrastrar: Neologismo formado por las ideas de exhalar y arrastrar y que expresa un arrastre rápido, como de exhalación.

Extremescitar: Neologismo en el que se combinan las ideas de estremecer y excitar.

Farofa: Harina de mandioca tostada o escaldada con manteca o grasa y que a veces se mezcla con huevo, aceitunas o carne.

Franquera: Se dice de la faca fabricada en Franca (Estado de São Paulo).

Fubá: Harina de maíz o de arroz.

Fune: Apócope popular de funeral o funerario.

Gambá: Nombre aplicado a varios marsupiales del género *Didelphys*.

Gamelera (gameleira): Nombre de varios árboles de la familia de las moráceas.

Garriza (garriça): Ave de la familia de las troglodíticas (*Troglodytes músculus*, Naum.).

Generales (gerais o geraes): La primera de ellas, muy usada en este libro, que se refiere a las llanuras de la meseta central brasileña, tiene un valor aproximado al de pampa; la segunda es el nombre del estado brasileño en el que se desarrolla la mayor parte de la acción, muy rico en industrias extractivas.

Generalista: Natural o habitante de los campos generales.

Gravatá: Nombre dado a varias plantas bromeliáceas.

Guaimorë: Parece una deformación del sustantivo aimoré, con el que se designa a un mono brasileño.

Guará: Mamífero carnívoro de la familia de los cánidos (*Chrysocyon brachyurus*, Desm.). Designa también a un ave de la familia de las íbidas (una especie de flamenco).

Guariba: nombre aplicado a unos monos que viven en bandas bajo la dirección de un macho viejo.

Guaxinin: Pequeño mamífero carnívoro. Recibe también el nombre da “mao-pelada” (mano pelada), que es el empleado por el autor.

Ici-í: Nombre tupí de la resina de lentisco y del propio lentisco. El nombre castellano de esta resina es almáciga.

Inambú (inambu o inhambu): Nombre de varias aves de la familia de las tinámidas.

Irara: Animal carnívoro de la familia de los musélidos. (Tayra barbara, Lin.).

Isipó: Véase cipó.

Iza (iça): Hormiga alada hembra.

Januaria: Recibe este nombre el aguardiente fabricado en la ciudad de Januaria, en el Estado de Minas Generales.

Lanalá: Se trata de una explotación fonética de la palabra lana, lâ en portugués.

Liso: Llano. No lo traducimos por esta palabra que no pierda su carácter de localismo.

Lobera: Deformación de lobero (lobeiro), especie de cereal. Se dice en el texto que formaba bosque para indicar su abundancia.

Lordazo: Señorón. Es un aumentativo del sustantivo inglés Lord, señor.

Macuco: Ave gallinácea del Brasil.

Mandacarú (mandacaru): Especie de cactus, frecuente en las caatingas.

Mangaba: Fruto de la mangabera (mangabeira).

Mangue: Terreno pantanoso, cercano a las márgenes de los ríos, en el que vegeta la planta del mismo nombre.

Manlixa: Corrupción popular de la marca Mannlicher de armas de fuego.

Maracana (maracana): Ave de la familia de las Psitácidas (Aramaracana, Vieill.). Es una especie de loro.

María-Gómez (maríagomes): Planta de la familia de las portuláceas (Talinum patens, Willd.).

Marimbú (marimbu): Tierra pantanosa cerca de los ríos, en la que crecen matorrales.

Mato: Terreno inculto, bosque, campo (en oposición a ciudad).

Meletriz: Corrupción de meretriz. Esta palabra es atribuida a Riobaldo, como algunas otras, para expresar su educación rústica, de la misma manera que Cervantes atribuye a Sancho Panza la expresión “marta cebollina” por “marta cibelina”.

Mutirón (mutirao): Auxilio gratuito que se prestan los labradores, reuniéndose los colindantes

para realizar un determinado trabajo en beneficio de uno de ellos. Éste, en compensación ofrece una fiesta que recibe el mismo nombre.

Nego: Corrupción afectuosa de la palabra negro.

Ofa: Cultismo derivado del latín offa, æ, pedazo, trozo pequeño.

Ourocurí: Nombre de dos especies de palmeras, llamadas también, entre otras denominaciones, ouricourí y aricurí.

Paca: Roedor que se alimenta de vegetales y gruñe de manera semejante al cerdo.

Pajear: Comportarse como un pajé o hechicero indio.

Parabellum: Latinismo derivado, al parecer, del célebre aforismo “si vis pacem para bellum” (si quieres la paz prepara la guerra). La unión de las dos últimas palabras parece designar tanto a un arma como al hecho de asumir la conciencia de jefe de operaciones.

Parnaíba: Como nombre común, designa a un cuchillo largo y estrecho usado para combatir.

Pasopreto (passo-prêto): Especie de pájaro que no hemos conseguido identificar.

Pau-D'arco: Árbol de la familia de las vignoniáceas (*Tecota heptaphilla*, Mart.). También recibe el nombre de ipé.

Pazoca (Paçoca): Carne asada y desfibrada, amasada con harina de mandioca.

Pequí (pequi): Árbol de la familia de las cariocaráceas (*Caryocar brasiliensis*, Camb.) y su fruto. **Pequicero (pequizeiro):** Nombre con el que también se conoce al árbol llamado pequí.

Piaba: Nombre aplicado a varios peces de agua dulce de la familia de los carácidos.

Piazaba (piaçaba o piassaba): Nombre de dos palmeras cuyas fibras se emplean para hacer escobas.

Pindaíba: Planta de la familia de las anonáceas (*Xylopia muricata*, Vell.). También recibe este nombre la cuerda hecha con paja de cocotero.

Quem-Quém (o quenquém): Nombre vulgar de la graja blanca.

Quiabo: Fruto capsular cónico, verde y peludo producido por una planta de la familia de las malváceas.

Quijaba (quixaba): Fruto de un árbol de la familia de las sapotáceas, muy frecuente en la caatinga.

Rapadura: Azúcar mascabado —es decir, que contiene melaza— en panes prismáticos.

Raslava (rascrava): Neologismo en el que se acumulan las ideas de rascar y clavar, aplicables al zarpazo de una fiera.

Raso: Esta palabra, en portugués, es un adjetivo que tiene el mismo significado que en castellano pero el autor la emplea, como localismo que conservamos, sustantivándola para designar una llanura.

Rei: Unidad monetaria de pequeñísimo valor (véase cuento).

Restible: Cultismo derivado del latín *restibilis*, e, terreno que se cultiva todos los años.

Roscof: Designación popular de los relojes de la marca Roskopf.

Sabiá: Nombre de un pájaro dentirrosto muy apreciado por la belleza de su canto.

Sací (saci): Ente fantástico representado como un negrito que sólo tiene una pierna y un pie y que persigue a los viajeros tendiéndoles celadas.

Sapé: Nombre de varias plantas gramíneas.

Savitú (savitu): Nombre común de las hormigas del género *Atta*, comúnmente llamadas saúvas. **Senzala:** Grupo de casas o alojamientos destinados a los esclavos.

Seriema: Gran ave zancuda de la familia de las cariámidas (*Cariama cristata*, Lin.)

Sertón (sertão): Palabra que carece de correspondencia en castellano, como ocurrió con las ya admitidas en nuestra lengua *jungla* y *tundra*. Designa los terrenos sin cultivar del interior de un continente, cuando éstos no reciben otros nombres particulares. En las traducciones argentinas suele aparecer la forma aceptada por nosotros en este artículo.

Sesmería (sesmaria): Terreno inculto o abandonado que los reyes de Portugal concedían a *sesmeiros* para que lo cultivasen.

Simaruba: Planta de la familia de las simarubáceas, cuyas raíces y cortezas tienen aplicaciones medicinales.

Sobrilegios: Por sortilegios; etimología popular.

Sucuriyú (sucuriju): Serpiente, también llamada sucurí, que alcanza grandes dimensiones y vive habitualmente en los ríos y pantanos.

Suindara: Ave de la familia de las titónidas (*Tyto alba tuidara*, Griff.).

Surucucú (surucucu): Serpiente venenosísima de la familia de las crotálicas.

Surumpear: Palabra derivada, para buscar una correspondencia con la del texto original, de la castellana surumpe (inflamación de los ojos por efecto de la reverberación solar).

Taliqué: Neologismo que viene a significar como, del mismo modo que, tal que, e ideas afines.

Tanayura (tanajura): Véase savitú.

Tapera: Hacienda o aldea totalmente abandonada y en ruinas. La palabra es de origen tupí.

Umbucero (umbuzeiro): Árbol de la familia de las anacardiáceas (*Spondias tuberosa*, Arruda).

Umburana (imburana): Planta de la familia de las burseráceas (*Bursera leptophleos*, Mart.)

Urutáu: Nombre de origen tupí aplicado a varias aves nocturnas.

Urubú: Especie de buitre negro, del tamaño de un cuervo, muy común en el campo y en las ciudades pequeñas.

Vereda: Propiamente significa los valles que bordean a las corrientes de agua menos caudalosas que los ríos, pero en la región en que se desarrolla la acción de este libro son denominadas así las propias corrientes. Es un localismo cuya conservación consideramos imprescindible.

Viles: Neologismo equivalente a “vi a la vez que leí”. En él también se expresa una idea de vileza, de acuerdo con el contexto de la frase.

Xú: Corrupción de Exú, divinidad del sincretismo negro, representada en figura de demonio y, por extensión, el propio demonio.

Yabota (jabota): Hembra de la tortuga terrestre llamada jabuti.

Yaboticaba (jaboticaba, jabuticaba): Fruto de un árbol de la familia de las mirtáceas.

Yaburú (jaburu, jabiru): Ave zancuda de la familia de las cicónidas.

Yaca (jaca): Fruto grande y de complicada estructura de un árbol de la familia de las moráceas.

Yacú (jacu): Nombre común a las aves de la familia de las crácidas.

Yacuba (jacuba): Refresco preparado con agua, harina de mandioca y azúcar o miel, al que a veces se añade aguardiente.

Yaguacacaca (jaguacacaca): Nombre indio de la nutria.

Yagunzo (jagunço): En un principio se dio este nombre a los individuos fanáticos que, a últimos del siglo pasado, se sublevaron, fijando su sede de operaciones en Canudos, en el interior del sertón, constituyendo una aguerrida tropa irregular que exigió grandes sacrificios del Gobierno para ser dominada. Por extensión, se llamó así a los componentes de grupos o bandas, puestos al servicio de los políticos locales o regionales y a quienes eran opuestos a ellos por los grandes hacendados del interior. Dados sus particulares caracteres sociológicos, es preciso no confundirlos con los cangaceiros ni con los simples bandidos o salteadores. La historia del yaguncismo, aún por hacer, revelará hechos importantes de la historia política brasileña.

Yaó (jaó): Ave de la familia de las tinámidas (*Crypturellus undulatus*, Temm.).

Yararaca (jararaca): Nombre común a varias serpientes brasileñas de la familia de las crotálicas.

Yaratataca (jaratataca, jaritataca): Carnívoro de la familia de los mustélidos (Conepatus, suffocans, Illiger).

Yatobá (jatobá, jataí): Jataí. Especie de abeja.

Yenipapo (jenipapo): Fruto del jenipapeiro (yenipapero).

Yenipapero (jenipapeiro): Árbol de la familia de las rubiáceas (Genipa americana, Lin.).

Yoacero (joazeiro, juázeiro): Árbol de la familia de las ramnáceas (Zizyphus joazeiro, Mart.).

Yurema (jurema): Árbol de la familia de las leguminosas (Pithecolobium tortum, Mart.).